

DESAFIO WEEKEND
TEMA DA AULA: ROMANCE - 2ª GERAÇÃO MODERNISTA E
ARTIGO DE OPINIÃO

DATA: ___/___/2020.

NOME:

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 01 //

(FUVEST-SP/2018/1ªFase)

(...) procurei adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. A diferença é que eu quero que eles apareçam antes do sono, e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás. (...)

Carta de Graciliano Ramos a sua esposa.

(...) Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinha Vitória guardava o cachimbo.

(...)

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Graciliano Ramos, Vidas secas.

As declarações de Graciliano Ramos na Carta e o excerto do romance permitem afirmar que a personagem Baleia, em Vidas secas, representa

- (A) o conformismo dos sertanejos.
- (B) os anseios comunitários de justiça social.
- (C) os desejos incompatíveis com os de Fabiano.
- (D) a crença em uma vida sobrenatural.
- (E) o desdém por um mundo melhor.

QUESTÃO 02 //

(ESPM-SP/2018/Janeiro) Fragmento 1:
Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da Bolandeira:
– Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme.

...

(...) Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?

Fragmento 2:

(...) Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. Estranhando a linguagem de Sinha Terta, pediu informações. Sinha Vitória, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descrição, encolheu os ombros.

...

(...) Não obteve resposta, voltou à cozinha, foi pendurar-se a saia da mãe: – Como é? Sinha Vitória falou em espetos quentes e fogueiras.

– A senhora viu?

Aí Sinha Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote.

O menino saiu indignado com a injustiça (...).

Os fragmentos são de Vidas Secas, de Graciliano Ramos. No fragmento 1, Fabiano foi preso pelo soldado amarelo e, no 2, o menino mais velho é castigado por querer satisfazer uma curiosidade. A partir dos excertos, pode-se dizer que a obra aborda a questão da linguagem como:

- (A) privilégio de uma elite social que a usa como forma de manter um status dentro da comunidade na qual está inserida.
- (B) representação da cultura oficial e um anseio da população mais carente, ávida de um instrumento de defesa.
- (C) instrumento de poder e repressão, uma vez que quem não a possui é vítima da violência física e psicológica.
- (D) manipulação de conceitos abstratos, permitindo a quem domina a linguagem alterar o significado dos paradigmas.

(E) forma de justificativa à agressão, já que quem detém o conhecimento considera o ignorante um ser inferior.

//////
QUESTÃO

03

//////
(PUCCamp-SP/2018) A composição da obra de Graciliano Ramos resulta de um processo rigorosamente seletivo e subordinado essencialmente aos limites da experiência pessoal, notadamente sertaneja. Nos limites da paisagem rural, de estrutura bem característica, o fazendeiro é poderoso e único, por vezes o “coronel”, até que se enfraquece em consequência da desarticulação de todo um sistema de mandonismo tradicional, ou consequência de um drama pessoal, que nos parece ainda condicionado de qualquer forma pelo sentimento fatalista do homem regional.

(Adaptado de: CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. Presença da Literatura Brasileira – Modernismo. 6. ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Difel, 1977, p. 290)

O sentimento fatalista do homem regional está presente, como base das ações narradas, no livro de Graciliano Ramos

- (A) Caetés, onde o autor se debruça melancolicamente sobre o destino das populações indígenas.
 - (B) Memórias do Cárcere, nas quais o autor projeta fantasiosamente a vida de um líder camponês condenado.
 - (C) Infância, em cujas páginas o autor revive sua meninice no engenho de açúcar de seu avô protetor.
 - (D) Vidas secas, romance composto em quadros nos quais se narra um ciclo de vida de uma família retirante.
 - (E) Angústia, conjunto de narrativas nas quais o autor rememora suas duras experiências como sitiante agregado.
- //////

QUESTÃO

04

//////
(ENEM/2018) E fui mostrar ao ilustre hóspede [o governador do Estado] a serraria, o descaroador e o estábulo. Expliquei em resumo a prensa, o dínamo, as serras e o banheiro carrapaticida. De repente supus que a escola poderia trazer a benevolência do governador para certos favores que eu tencionava solicitar.

— Pois sim senhor. Quando V. Ex^a. vier aqui outra vez, encontrará essa gente aprendendo cartilha.

RAMOS, G. São Bernardo. Rio de Janeiro: Record, 1991.

O fragmento do romance de Graciliano Ramos dialoga com o contexto da Primeira República no Brasil, ao focalizar o(a)

- (A) derrocada de práticas clientelistas.
- (B) declínio do antigo atraso socioeconômico.
- (C) liberalismo despartado de favores do Estado.
- (D) fortalecimento de políticas públicas educacionais.
- (E) aliança entre a elite agrária e os dirigentes políticos.

QUESTÃO 05

//////
(FPS-PE/2018/Janeiro) Todos os anos, nas férias da escola, Conceição vinha passar uns meses com a avó (que a criara desde que lhe morrera a mãe), no Logradouro, a velha fazenda da família, perto de Quixadá. Ali tinha a moça o seu quarto, os seus livros, e, principalmente, o velho coração amigo de Mãe Nácia. (...)

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona. Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão...

— Esta menina tem umas ideias!

Estaria com razão a avó? Porque, de fato, Conceição talvez tivesse umas ideias; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan da biblioteca do avô. Chegara até a se arriscar em

leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais ideias, estranhas e absurdas à avó. (...)

QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. 54ª ed. São Paulo: Siciliano, 1993, p. 9- 10. (trecho adaptado)

Considerando o texto bem como o contexto histórico e literário de sua produção, assinale a afirmativa correta.

(A) A obra tem como tema principal os embates da mulher diante de uma sociedade fortemente patriarcal; nesse contexto repressor, Conceição mostra-se uma mulher à frente de seu tempo.

(B) O Quinze se insere no romance regional de 30, segunda fase do Modernismo brasileiro, que se volta para a denúncia social e traz personagens construídos a partir de elementos psicológicos que lhes conferem mais humanidade.

(C) A opção por uma linguagem elaborada, com emprego de vocabulário erudito, indica um nexos com as características de Conceição, personagem caracterizada como uma moça de vasta cultura, muito apreciadora da leitura.

(D) Para a personagem Conceição, representante da classe rica, que tem acesso à educação e aos bens materiais, a seca não tem outro significado senão o de um incidente climático eventual, que não é capaz de envolvê-la verdadeiramente.

(E) Rachel de Queiroz, fiel aos princípios defendidos pelos autores da primeira fase do Modernismo brasileiro, mostra uma marcante preocupação em empregar a variedade linguística regional nordestina, que repercute amplamente no estilo de O Quinze.

QUESTÃO

06



(Mackenzie-SP/2018/Julho)

Carta do escritor Graciliano Ramos ao pintor Cândido Portinari

Rio – 18 – Fevereiro – 1946

Caríssimo Portinari:

A sua carta chegou muito atrasada, e receio que esta resposta já não o ache fixando na tela a nossa pobre gente da roça.

Não há trabalho mais digno, penso eu. Dizem que somos pessimistas e exibimos deformações; contudo as deformações e miséria existem fora da arte e são cultivadas pelos que nos censuram.

O que às vezes pergunto a mim mesmo, com angústia, Portinari, é isto: se elas desaparecessem, poderíamos continuar a trabalhar?

Desejamos realmente que elas desapareçam ou seremos também uns exploradores, tão perversos como os outros, quando expomos desgraças?

Dos quadros que você mostrou quando almocei no Cosme Velho pela última vez, o que mais me comoveu foi aquela mãe com a criança morta. Saí de sua casa com um pensamento horrível: numa sociedade sem classes e sem miséria seria possível fazer-se aquilo?

Numa vida tranquila e feliz que espécie de arte surgiria? Chego a pensar que faríamos cromos, anjinhos cor-de-rosa, e isto me horroriza.

Felizmente a dor existirá sempre, a nossa velha amiga, nada a suprimirá. E seríamos ingratos se desejássemos a supressão dela, não lhe parece? Veja como os nossos ricos em geral são burros.

Julgo naturalmente que seria bom enforcá-los, mas se isto nos trouxesse tranquilidade e felicidade, eu ficaria bem desgostoso, porque não nascemos para tal sensoria. O meu desejo é que, eliminados os ricos de qualquer modo e os sofrimentos causados por eles, venham novos sofrimentos, pois sem isto não temos arte.

E adeus, meu grande Portinari. Muitos abraços para você e para Maria.

Graciliano.

sensoria: contratempo, monotonia

Depreende-se corretamente do texto que o escritor Graciliano Ramos:

(A) compreende a miséria humana e os sofrimentos como motivadores da produção artística, que não pode ser apenas ornamental.

(B) entende que a função da pintura é oferecer as soluções práticas para o erradicação da miséria humana.

(C) se refere a pinturas que ele mesmo produziu sobre as diferenças sociais que afetam o povo brasileiro.

(D) se dirige ao pintor Portinari com o claro objetivo de propor a formação de uma política que exclua os ricos da sociedade.

(E) escreve ao pintor Portinari para tentar amenizar o remorso que sente por explorar a miséria humana.



QUESTÃO 07

(UNIPÊ-PB/2017) Leia o seguinte trecho do capítulo “Contas”, de Vidas Secas.

Tinha a obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia do seu lugar. Bem. Nascera com esse 2 destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim.

Que fazer?

Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. (...) Era a sina. O pai vivera assim, o avô também. E 4 para trás não existia família. Cortar mandacaru, ensebar látégos – aquilo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia 5 mais nada. Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só 6 recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas 7 importantes se ocuparem com semelhantes porcarias.

(Graciliano Ramos, Vidas Secas. 103ª. ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 2007, p.97.)

Considerando-se a estética da obra Vidas Secas, evidenciada no fragmento apresentado, é correta afirmar que se trata

(A) de um romance de inspiração naturalista que estuda o mundo físico do Nordeste e seus principais problemas, discorrendo sobre a vida do vaqueiro e de seus ancestrais.

(B) da história do retirante Fabiano e de sua família, que mostra como o mundo exterior se projeta nas personagens e como estas se desesperam frente às dificuldades provenientes das condições climáticas.

(C) de uma obra em que o personagem Fabiano critica o mundo que o rodeia, sem, contudo, ser capaz de entender os mecanismos que o fazem ser assim.

(D) de um livro cuja personagem principal luta por riqueza e posição social e se deixa contaminar pela agressividade que caracteriza o meio social em que vive.

(E) de um escrito em que a personagem principal faz uma espécie de projeção utópica e posa de idealista bobo e desacreditado, aludindo a mudanças na estrutura social do Nordeste.

QUESTÃO 08

(ESPM-SP/2018/Julho) Parei espantada, e meus olhos se encheram de lágrimas que só ardiam e não corriam. Acho que eu não me julgava sequer digna de que lágrimas corresse, faltava-me a primeira piedade por mim, a que permite chorar, e nas pupilas eu retinha em ardor as lágrimas que me salgavam e que eu não merecia que escorresse.

(A Paixão Segundo G. H. de Clarice Lispector)

O estilo típico da autora, o qual pode ser constatado no fragmento acima, é:

(A) A analogia com Machado de Assis, nas narrativas com foco de 1.ª pessoa e com um indivíduo voltado à autopiedade.

(B) A prosa intimista, introspectiva, na qual o(a) narrador(a) apresenta reflexões repletas de sensibilidade e devaneios.

(C) A busca das personagens pela epifania, uma revelação que permitiria uma existência tranquila e feliz.

(D) O uso da digressão, recurso no qual a personagem pode abordar tão somente o enredo de sua existência, sem comentários paralelos a ele.

(E) O rebuscamento da linguagem, repleta de termos clássicos e inacessíveis ao comum dos leitores.



QUESTÃO 09

(ENEM–2010) TEXTO I

Logo depois transferiram para o trapiche o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os nove aos dezesseis anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações...

AMADO, J. Capitães da Areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 (fragmento).

TEXTO II

À margem esquerda do rio Belém, nos fundos do mercado de peixe, ergue-se o velho ingazeiro – ali os bêbados são felizes. Curitiba os considera animais sagrados, provê as suas necessidades de cachaça e pirão. No trivial contentavam-se com as sobras do mercado.

TREVISAN, D. 35 noites de paixão: contos escolhidos. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009 (fragmento).

Sob diferentes perspectivas, os fragmentos citados são exemplos de uma abordagem literária recorrente na literatura brasileira do século XX. Em ambos os textos,

- (A) a linguagem afetiva aproxima os narradores dos personagens marginalizados.
- (B) a ironia marca o distanciamento dos narradores em relação aos personagens.

(C) o detalhamento do cotidiano dos personagens revela a sua origem social.

(D) o espaço onde vivem os personagens é uma das marcas de sua exclusão.

(E) a crítica à indiferença da sociedade pelos marginalizados é direta.



QUESTÃO 10

(ENEM/2018) Novas tecnologias

Atualmente, prevalece na mídia um discurso de exaltação das novas tecnologias, principalmente aquelas ligadas às atividades de telecomunicações. Expressões frequentes como “o futuro já chegou”, “maravilhas tecnológicas” e “conexão total com o mundo» «fetichizam” novos produtos, transformando-os em objetos do desejo, de consumo obrigatório. Por esse motivo carregamos hoje nos bolsos, bolsas e mochilas o “futuro” tão festejado. Todavia, não podemos reduzir-nos a meras vítimas de um aparelho midiático perverso, ou de um aparelho capitalista controlador.

Há perversão, certamente, e controle, sem sombra de dúvida. Entretanto, desenvolvemos uma relação simbiótica de dependência mútua com os veículos de comunicação, que se estreita a cada imagem compartilhada e a cada dossiê pessoal transformado em objeto público de entretenimento. Não mais como aqueles acorrentados na caverna de Platão, somos livres para nos aprisionar, por espontânea vontade, a esta relação sadomasoquista com as estruturas midiáticas, na qual tanto controlamos quanto somos controlados.

SAMPAIO A. S. A microfísica do espetáculo. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em: 1 mar 2013 (adaptado).

Ao escrever um artigo de opinião, o produtor precisa criar uma base de orientação linguística que permita alcançar os leitores e convencê-los com relação ao ponto de vista defendido. Diante disso, nesse texto, a escolha das formas verbais em destaque objetiva criar relação de subordinação entre leitor e autor, já que ambos usam as novas tecnologias.

Enfatizar a probabilidade de que toda população brasileira esteja aprisionada às novas tecnologias.

Indicar, de forma clara, o ponto de vista de que hoje as pessoas são controladas pelas novas tecnologias.

Tornar o leitor coparticipe do ponto de vista de que ele manipula as novas tecnologias e por elas é manipulado.

Demonstrar ao leitor sua parcela de responsabilidade por deixar que as novas tecnologias controlem as pessoas.



GABARITO:

Questão 1 – Letra B

Questão 2 – Letra C

Questão 3 – Letra D

Questão 4 – Letra E

Questão 5 – Letra B

Questão 6 – Letra A

Questão 7 – Letra C

Questão 8 – Letra B

Questão 9 – Letra D

Questão 10 – Letra D